

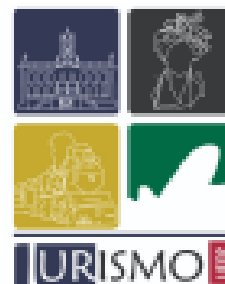


Universidade Federal
de Ouro Preto

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

**ESCOLA DE DIREITO
TURISMO E MUSEOLOGIA**

DEPARTAMENTO DE TURISMO



RAFAELA DE AZEVEDO SILVA

**ENTRE DESTINOS E PERTENCIMENTO: A EXPERIÊNCIA DE
PESSOAS NEGRAS COMO VIAJANTES NO TURISMO E UM
RECORTE SOBRE MULHERES NEGRAS VIAJANTES.**

OURO PRETO - MG

2026

RAFAELA DE AZEVEDO SILVA

**ENTRE DESTINOS E PERTENCIMENTO: A EXPERIÊNCIA DE
PESSOAS NEGRAS COMO VIAJANTES NO TURISMO E UM
RECORTE SOBRE MULHERES NEGRAS VIAJANTES.**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação
em Turismo da Universidade Federal de Ouro
Preto como requisito para a obtenção do título
de bacharel em Turismo.

Orientador: Prof^o Solano de Souza Braga

Coorientador: Prof^a Regiane Faustino

OURO PRETO - MG

2026



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE TURISMO



FOLHA DE APROVAÇÃO

Rafaela de Azevedo Silva

Entre destinos e pertencimento: a experiência de pessoas negras como viajantes no turismo e um recorte sobre mulheres negras viajantes

Monografia apresentada ao Curso de bacharelado em Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharela em Turismo.

Aprovada em 17 de julho de 2026.

Membros da banca

Dr. Solano de Souza Braga - Orientador - Universidade Federal de Ouro Preto
Ma. Regiane Martins Faustino - Coorientadora - Universidade Federal de Ouro Preto
Dr. Marcos Eduardo Carvalho Gonçalves Knupp - Universidade Federal de Ouro Preto
Dra. Elcione Luciana da Silva - Universidade Federal de Ouro Preto

Solano de Souza Braga, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 28/07/2026



Documento assinado eletronicamente por **Solano de Souza Braga, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 28/07/2026, às 21:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1148929** e o código CRC **174F7382**.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, por me sustentar em todos os momentos, renovar minhas forças diariamente e permitir que eu realizasse o sonho de me formar em uma universidade federal.

Aos meus pais, Rogério e Jane, que sempre foram minha base, meu porto seguro e minha maior inspiração. Obrigada por todo amor, apoio, esforço e por nunca me deixarem desistir dos meus objetivos. Esta conquista também é de vocês. À minha família, que contribuiu para a construção da pessoa que sou hoje e com quem tive o privilégio de crescer cercada de amor, ensinamentos e memórias que levarei para toda a vida.

À Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), por proporcionar uma formação pública, gratuita e de qualidade, transformando não apenas minha trajetória profissional, mas também minha visão de mundo. Às minhas amigas Amanda e Mariana, que desde o primeiro período formaram a melhor companhia que eu poderia ter para enfrentar os desafios da graduação. Obrigada por cada conversa, trabalho, risada, desabafo e momento compartilhado, vocês tornaram essa caminhada muito mais leve e especial.

Aos meus amigos da Completur, aos colegas de curso e a todos aqueles que dividiram comigo experiências, aprendizados e momentos que fizeram parte desta jornada. Aos professores do curso de Turismo, pelos ensinamentos, incentivos e contribuições para minha formação acadêmica e pessoal. Em especial, ao meu orientador, Solano, pela orientação, paciência, confiança e dedicação durante o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço também às mulheres que participaram desta pesquisa e compartilharam suas experiências, percepções e vivências. A contribuição de cada uma foi fundamental para a realização deste estudo. Espero que suas vozes, aqui representadas, possam contribuir para reflexões mais amplas sobre raça, pertencimento e turismo.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, estiveram presentes ao longo desses anos, oferecendo apoio, incentivo ou simplesmente acreditando em mim quando eu mesma duvidei. É com carinho, gratidão e uma dose de saudade que me despeço deste ciclo. Levo comigo os aprendizados, os encontros, os desafios superados e as histórias construídas ao longo dessa trajetória.

Talvez eu saia com a sensação de que poderia ter feito mais, mas também com a certeza de que dei o meu melhor dentro das possibilidades que tive e de que cada passo percorrido

me trouxe até aqui. Esta conquista não é apenas minha; ela pertence a todos que caminharam ao meu lado durante essa jornada.

Meu muito obrigada.

“O desejo de voltar para casa e de
encontrar um lugar de pertencimento
é uma necessidade humana
fundamental.”

bell hooks

Resumo

O presente trabalho analisa as experiências de pessoas negras no turismo, com foco nas vivências de mulheres negras e nos impactos do racismo estrutural sobre o acesso, a permanência e o sentimento de pertencimento nos espaços turísticos. Parte-se da compreensão de que o turismo, embora associado ao lazer, à mobilidade e à liberdade, também reproduz desigualdades históricas relacionadas à raça, gênero e classe social. A pesquisa possui caráter exploratório e descritivo, fundamentada em revisão bibliográfica de autores como Silvio Almeida, Djamila Ribeiro, Grada Kilomba, Bell Hooks, Kabengele Munanga e Lélia Gonzalez, além da aplicação de um questionário online direcionado a mulheres negras autodeclaradas pretas ou pardas. Foram obtidas 46 respostas válidas, cujos dados foram analisados de forma quantitativa e qualitativa. Os resultados demonstraram que as participantes enfrentaram situações de discriminação racial, sensação de não pertencimento, insegurança e falta de representatividade durante suas experiências de viagem. Ao mesmo tempo, revelam que o turismo também pode constituir um espaço de autonomia, afirmação identitária e construção de pertencimento. O estudo destaca ainda o afroturismo como uma estratégia de enfrentamento ao apagamento histórico da população negra, promovendo valorização cultural, fortalecimento da identidade racial, geração de renda e desenvolvimento comunitário. Conclui-se que a democratização do turismo exige o reconhecimento das desigualdades raciais presentes no setor e a implementação de práticas e políticas que promovam inclusão, representatividade e justiça social.

Palavras-chave: Turismo. Mulheres negras. Racismo estrutural. Afroturismo. Pertencimento. Representatividade.

ABSTRACT

This study analyzes the experiences of Black people in tourism, with a particular focus on the experiences of Black women and the impacts of structural racism on access, participation, and the sense of belonging within tourism spaces. It is based on the understanding that tourism, although commonly associated with leisure, mobility, and freedom, also reproduces historical inequalities related to race, gender, and social class. The research adopts an exploratory and descriptive approach, supported by a bibliographic review of authors such as Silvio Almeida, Djamila Ribeiro, Grada Kilomba, Bell Hooks, Kabengele Munanga, and Lélia Gonzalez, as well as the application of an online questionnaire directed at Black women who self-identified as Black or mixed-race. A total of 46 valid responses were collected and analyzed through both quantitative and qualitative methods. The findings reveal that the participants frequently experience racial discrimination, feelings of non-belonging, insecurity, and a lack of representation during their travel experiences. At the same time, the results demonstrate that tourism can also function as a space for autonomy, identity affirmation, and the construction of belonging. The study further highlights Afro-tourism as an important strategy for confronting the historical erasure of the Black population by promoting cultural appreciation, strengthening racial identity, generating income, and fostering community development. It concludes that the democratization of tourism requires the recognition of racial inequalities within the sector and the implementation of practices and policies aimed at promoting inclusion, representation, and social justice.

Keywords: Tourism; Black Women; Structural Racism; Afro-tourism; Belonging; Representation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
-------------------	-----------

1 CORPOS NEGROS E TURISMO: UMA QUESTÃO DE VISIBILIDADE E EXCLUSÃO	15
--	-----------

1.1 Contexto histórico da população negra no Brasil	15
1.2 Corpos negros e turismo: uma questão de visibilidade e exclusão	17

2 BARREIRAS E DESAFIOS PARA PESSOAS NEGRAS NO TURISMO	19
--	-----------

2.1 Racismo estrutural e suas implicações no turismo	19
2.2 Experiências de discriminação em destinos turísticos	21
2.3 Questões socioeconômicas e acesso ao turismo	23

3 MULHERES NEGRAS NO TURISMO: DUPLA INVISIBILIDADE	26
---	-----------

3.1 Recorte de gênero no turismo: desafios de mulheres negras	26
3.2 Relatos e experiências de mulheres viajantes	28
3.2.1 Perfil das participantes	30
3.2.2 Vivências de discriminação no contexto turístico	32
3.2.3 Segurança e autonomia das mulheres negras viajantes	35
3.3 Representatividade, pertencimento e síntese crítica dos resultados	35

4 AFROTURISMO: UMA RESPOSTA AO APAGAMENTO	37
--	-----------

4.1 O que é o afroturismo?	37
4.2 Iniciativas de turismo voltadas para a valorização da cultura negra	39
4.3 Impactos socioeconômicos do afroturismo	46

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
-------------------------------	-----------

REFERÊNCIAS	50
--------------------	-----------

APÊNDICE A – Questionário aplicado às participantes	53
--	-----------

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ano definitivo da abolição da escravidão nos países das Américas	9
Figura 4 – Distribuição das participantes por faixa etária	21
Figura 5 – Escolaridade das participantes da pesquisa	22
Figura 6 – Faixa de renda mensal das participantes	23
Figura 7 – Autodeclaração racial das participantes	24
Figura 8 – Experiência turística no Pelourinho, Salvador (BA)	31
Figura 9 – Centro Histórico de Salvador (BA)	31
Figura 10 – Centro Histórico de Salvador (BA)	31
Figura 11 – Centro Histórico de Salvador (BA)	31
Figura 12 – Pedra do Sal, espaço de resistência e preservação da cultura afro-brasileira no Rio de Janeiro	32
Figura 13 – Sítio arqueológico do Cais do Valongo, reconhecido como Patrimônio Mundial pela UNESCO	32
Figura 14 – Área arqueológica do Cais do Valongo, principal porto de entrada de africanos escravizados nas Américas	32
Figura 15 – Monumento em homenagem a Zumbi dos Palmares na região da Pequena África, Rio de Janeiro	33
Figura 16 – Participantes de roteiro guiado na região da Pequena África, no Rio de Janeiro (RJ)	34
Figura 17 – Atividade educativa realizada durante roteiro de valorização da memória afro-brasileira na Pequena África (RJ)	34
Figura 18 – Atividade cultural e compartilhamento de saberes tradicionais realizada no Quilombo do Campinho da Independência, Paraty (RJ)	35
Figura 19 – Entrada do Quilombo do Campinho da Independência, referência de turismo de base comunitária em Paraty (RJ)	35
Figura 20 – Página inicial da plataforma Diaspora.Black, voltada à promoção de experiências turísticas e culturais afrocentradas	36
Figura 21 – Interface da plataforma Diaspora.Black apresentando roteiros e experiências ligadas ao afroturismo	36
Figura 22 – Celebrações afro-brasileiras promovidas em diferentes regiões do Brasil, destacando festividades como a Lavagem do Bonfim	37

Figura 23 – Celebrações afro-brasileiras promovidas em diferentes regiões do Brasil, destacando festividades como a Lavagem do Bonfim 37

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Percepções das participantes sobre a representação de mulheres negras no turismo.

Quadro 2 – Principais características do turismo e do afroturismo 18

Quadro 3 – Síntese das categorias de análise da pesquisa 45

Introdução

O racismo, enquanto estrutura que organiza as relações sociais, políticas, econômicas e culturais, impacta de maneira profunda todos os campos da vida em sociedade, e o turismo não se encontra à margem dessa lógica (OLIVEIRA, 2021). Por ser um fenômeno social, o turismo envolve deslocamentos, encontros e experiências que refletem desigualdades históricas e contemporâneas (CRUZ, 2018). Longe de configurar-se como uma prática neutra, o turismo se constrói a partir de discursos, imagens e práticas que privilegiam determinados corpos e identidades, ao mesmo tempo em que marginaliza, silencia ou estigmatiza outros grupos sociais (SILVA, 2022).

No turismo, Ferreira e Casagrande (2018) questionam a baixa representatividade de pessoas negras nos espaços turísticos do Brasil e apontam que tal cenário pode ser compreendido a partir das dinâmicas interseccionais e estruturais de gênero, classe e raça/etnia. Essas dinâmicas, enraizadas no processo de formação social do país desde o período escravocrata, resultaram na participação pouco expressiva de corpos negros em ambientes voltados ao turismo.

O turismo, em sua essência, é uma atividade que surge com o propósito de conectar pessoas, lugares e aproximar culturas diferentes. Porém, embora a atividade turística seja produzida por muitos, apenas uma minoria privilegiada costuma usufruir dessa prática em sua plenitude (Silva; Araujo, 2022).

Nesse contexto, os corpos negros aparecem, com frequência, como ausentes ou subordinados nas representações turísticas. Seja nos materiais promocionais, nas narrativas midiáticas, nas políticas públicas de turismo ou mesmo nas experiências vivenciadas por viajantes, observa-se a reprodução de estereótipos coloniais que reforçam a imagem da população negra como servidora, como parte do folclore ou, ainda, como ameaça, raramente sendo reconhecida como protagonista do ato de viajar (OLIVEIRA, 2021; 2022). Tal apagamento reforça um modelo de turismo excludente, que legitima a presença de certos sujeitos em espaços de lazer e mobilidade, enquanto questiona ou restringe a presença de outros.

Refletir sobre os corpos negros no turismo constitui, portanto, uma necessidade política, epistemológica e ética. Significa reconhecer que o acesso ao lazer, ao descanso e às experiências de deslocamento também corresponde a um direito, embora historicamente negado a grande parte da população negra. Implica, igualmente, problematizar os limites impostos por um turismo ainda pautado em lógicas eurocêntricas, que reforçam desigualdades e silenciam vozes diversas. Trata-se, ainda, de propor uma reconfiguração dessas práticas, por meio da escuta ativa e da valorização de narrativas que emergem a partir da experiência negra.

Ademais, esta pesquisa se fundamenta em inquietações pessoais e profissionais da autora, que, ao longo de sua trajetória acadêmica e de sua atuação no mercado de turismo, observou a ausência de representações negras em espaços que deveriam se constituir como pluralizados. A escassez de referências positivas sobre pessoas negras enquanto viajantes, associada à constante presença de estigmas raciais no imaginário turístico, reforça a urgência de se discutir esse tema com seriedade e comprometimento.

Dessa forma, o presente trabalho busca contribuir para o fortalecimento de uma prática turística mais inclusiva, que valorize as múltiplas formas de existir, circular e experienciar o mundo. Pensar sobre os corpos negros no turismo significa, nesse sentido, refletir sobre a democratização do direito de viajar, sobre a justiça social e sobre o poder de construir novas narrativas a partir de vivências historicamente silenciadas.

Metodologia

A presente pesquisa possui caráter exploratório e descritivo, buscando compreender como mulheres negras vivenciam o turismo e de que maneira questões relacionadas ao racismo, ao gênero e à representatividade influenciam suas experiências de viagem. Para alcançar esse objetivo, o estudo foi desenvolvido a partir de duas etapas complementares: a pesquisa bibliográfica e a aplicação de um questionário online.

A primeira etapa consistiu na realização de uma pesquisa bibliográfica, fundamental para a construção do referencial teórico que sustenta as discussões apresentadas ao longo do trabalho. Foram consultados livros, artigos científicos, dissertações, teses e documentos institucionais relacionados aos temas racismo estrutural, relações raciais, gênero, turismo, afroturismo, identidade e pertencimento. Entre os autores utilizados destacam-se Silvio Almeida, Djamila Ribeiro, Grada Kilomba, Bell Hooks, Kabengele Munanga e Lélia Gonzalez, cujas contribuições possibilitaram compreender como as desigualdades raciais se manifestam também no contexto turístico.

Além da revisão bibliográfica, foi realizado um levantamento de dados por meio da aplicação de um questionário online elaborado na plataforma Google Forms. A escolha desse instrumento ocorreu pela facilidade de alcance das participantes e pela possibilidade de reunir informações de diferentes regiões do país. O formulário foi divulgado por meio de redes sociais e aplicativos de mensagens, permanecendo disponível para respostas durante o período de coleta.

O questionário foi direcionado exclusivamente a mulheres negras, autodeclaradas pretas ou pardas, maiores de 18 anos. A escolha desse público está diretamente relacionada ao objetivo da pesquisa, que busca compreender as experiências turísticas de um grupo historicamente marcado por desigualdades raciais e de gênero. Considera-se que essas mulheres vivenciam o turismo de maneira particular, sendo frequentemente impactadas por questões como discriminação, invisibilidade, falta de representatividade e limitações socioeconômicas.

O instrumento de pesquisa foi composto por perguntas fechadas e abertas. As questões abordaram aspectos relacionados ao perfil das participantes, como idade, escolaridade, ocupação e renda, além de temas ligados às práticas de viagem, percepção de segurança, experiências de discriminação racial, sensação de pertencimento, representatividade nos espaços turísticos e conhecimento sobre iniciativas de afroturismo.

Ao final do período de coleta, foram obtidas 46 respostas válidas, que serviram como base para as análises apresentadas no capítulo dedicado às experiências das mulheres negras viajantes. As respostas permitiram identificar padrões, percepções e experiências recorrentes, contribuindo para aproximar a discussão teórica da realidade vivenciada pelas participantes.

Os dados quantitativos foram organizados em gráficos e percentuais, possibilitando uma melhor visualização das informações coletadas. Já as respostas discursivas foram analisadas de forma interpretativa, buscando identificar temas recorrentes e relacioná-los aos conceitos discutidos na literatura. Dessa forma, foi possível compreender não apenas os aspectos objetivos relacionados ao turismo, mas também os significados atribuídos pelas participantes às suas experiências de viagem.

Por se tratar de uma pesquisa realizada por meio de participação voluntária e divulgação em redes sociais, os resultados não têm a pretensão de representar a totalidade das mulheres negras brasileiras. No entanto, os dados obtidos oferecem reflexões sobre as vivências, desafios e estratégias de pertencimento construídas por essas mulheres no contexto turístico.

Foram respeitados os princípios éticos da pesquisa, garantindo o anonimato das participantes e a utilização das informações exclusivamente para fins acadêmicos. Nenhum dado que possibilitasse a identificação das respondentes foi divulgado, assegurando a confidencialidade das informações compartilhadas. Em conformidade com a Portaria CNPq nº 2.664/2026, declara-se que a ferramenta Chat GPT foi utilizada exclusivamente como apoio à revisão textual do manuscrito e à organização das categorias analíticas empregadas na metodologia. Ressalta-se que a definição do problema de pesquisa, a seleção das fontes, a coleta e a interpretação dos dados, bem como as conclusões apresentadas, são de responsabilidade integral da autora.

Capítulo 1 - Corpos Negros no Turismo: Racismo, Invisibilidade e Representação

1.1 O racismo no Brasil: uma breve contextualização histórica

O Racismo no Brasil, se tornou uma raiz herdada ao longo do período escravocrata que marcou a história do país. Mesmo após a abolição formal em 1888, conforme o quadro 1, a realidade que muitos libertos encontravam era de um cenário completamente desamparado e de exclusão, sem acesso a políticas de reparação ou trabalho digno. A abolição como Kabengele Munanga (2019), não foi acompanhada de uma transformação estrutural: “os negros foram libertos, mas não foram integrados a sociedade como cidadãos” (MUNANGA, 2019, p.47)

É necessário destacar que no caso brasileiro, o fim da escravidão não se deu por um reconhecimento moral da desumanidade do sistema, mas pela soma de alguns fatores econômicos somado a pressão internacional e, sobretudo pela resistência constante dos escravizados à escravidão - por meio de fugas, quilombos e insurreições (SCHWARCZ; STARLING, 2015). A escravidão, que perdurou por mais de três séculos, moldou a estrutura social e racial do país, consolidando a ideia de superioridade do homem branco e naturalizando hierarquias baseadas na cor da pele.

Durante o século XIX, o Brasil incorporou de forma intensa a ideologia higienista e racionalista, inspirada em teorias europeias como o darwinismo social e o evolucionismo cultural. Essas correntes pseudocientíficas, como explica a Lilia Schwarcz (1993), serviram para justificar a desigualdade social sob o argumento de que as diferenças biológicas determinavam a capacidade intelectual e moral dos indivíduos. Nesse contexto, os intelectuais como Nina Rodrigues, Silvio Romero e João Baptista de Lacerda, difundiram no país, ideias que associavam o branco ao progresso e o negro a degeneração social, legitimando o projeto político do branqueamento da população (SCHWARCZ, 1993), como também afirmava Santos (2017) “as teorias raciais foram bem recebidas pela intelectualidade e difundidas entre finais do século XIX e início do século XX. Esse período também foi marcado pelo fim da instituição mais longa da história do Brasil: a escravidão” (SANTOS, 2017, p. 254)

Essas teorias se articulavam ao pensamento higienista, que, ao extrapolar o campo da medicina, transformou-se em instrumento de controle social, o higienismo passou a relacionar a pobreza, doença e raça reforçando estigmas que associavam os corpos negros a

sujeira, ao atraso e a desordem (COSTA,1989). Segundo Sueli Carneiro (2005), esse processo representou não apenas a exclusão social, mas também a negação simbólica da humanidade negra, na medida que o corpo negro era constantemente desvalorizado e desumanizado no imaginário social.

As políticas de urbanização e de saúde pública no início do século XX reforçaram esse quadro. A “limpeza” das cidades, especialmente no Rio de Janeiro e em Salvador, não significa apenas saneamento, mas também remoção de população negra e pobres dos centros urbanos, um verdadeiro processo de “higiene social” (CHALHOUB, 1996). Assim, o racismo foi se institucionalizando em discursos científicos e políticas públicas, perpetuando o apagamento histórico e a marginalização dos corpos negros.

Esse apagamento não só restringiu o campo social, mas também alcançou a dimensão cultural e simbólica. A cultura Afro-Brasileira foi apropriada e transformada em símbolo nacional, mas sem o devido reconhecimento dos sujeitos e comunidades que produzem. Como observa Djamila Ribeiro (2019), a cultura negra “é celebrada quanto produto, mas seus produtores são invisibilizados” (RIBEIRO, 2019, p.61)

As marcas desse passado permanecem no presente, refletindo-se nas desigualdades raciais que estruturam o acesso à educação, ao trabalho, à mobilidade e ao lazer. O racismo, portanto, não é apenas uma herança histórica, mas uma estrutura viva que define quem pode ser visto e quem permanece invisível. Nesse sentido, discutir os corpos negros no turismo é discutir visibilidade, pertencimento e direito a ocupação dos espaços. O turismo, mais que uma prática de lazer, torna-se também um campo de disputa simbólica por reconhecimento representatividade

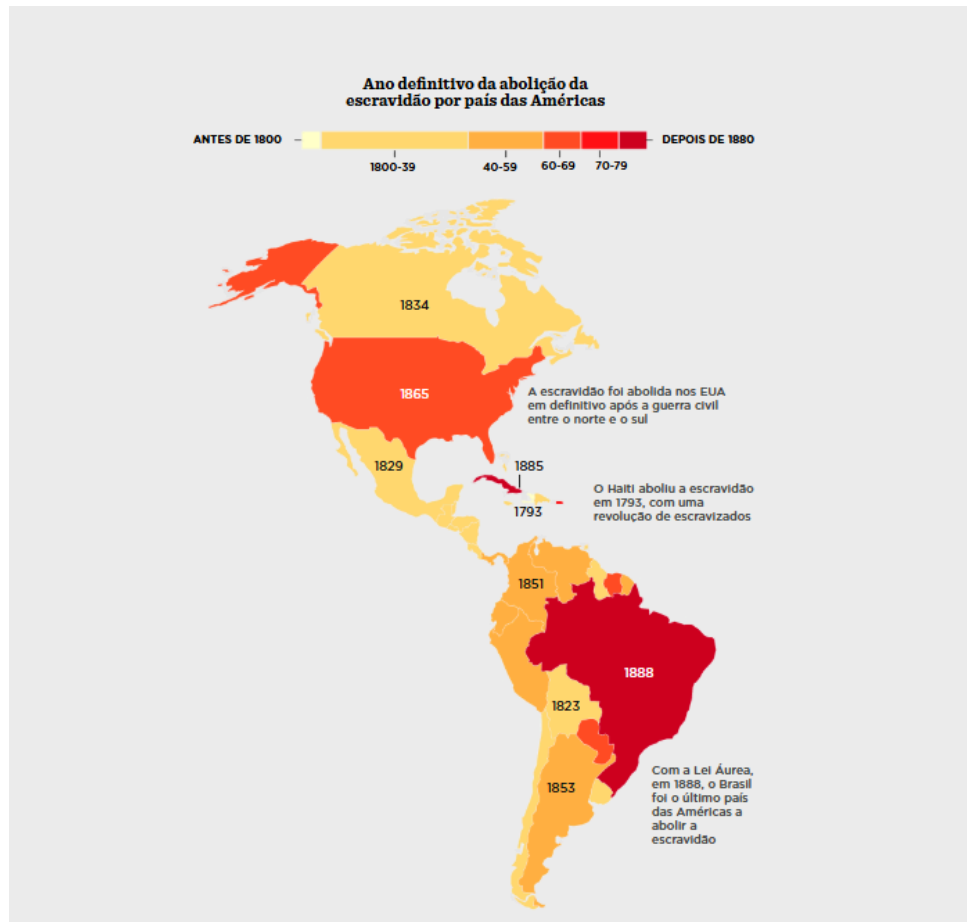


Figura 1 – Ano definitivo da abolição da escravidão nos países das Américas.

Fonte: Nexo Jornal (2020).

1.2 Corpos negros e turismo: uma questão de visibilidade e exclusão

O turismo, enquanto espaço de circulação, lazer e consumo cultural, reflete de maneira explícita as desigualdades raciais presentes na sociedade brasileira. A presença de pessoas negras é marcada por um processo contínuo de apagamento e estereotipização, resultado de três séculos de exclusão social. Como citado anteriormente, embora a cultura negra seja amplamente apropriada como símbolo turístico, os criadores são raramente reconhecidos ou representados na forma de protagonistas (SCHWARCZ, 1993; CARNEIRO, 2005). Reconhecer a presença negra no turismo, portanto, não se restringe à presença física, mas envolve visibilidade simbólica, representação e pertencimento.

Os dados apresentados por Santos (2018) , a partir de uma pesquisa com 580 turistas afro-brasileiros, revelam como o racismo se manifesta de maneira estruturante no contexto das viagens. Fazendo uma análise de todos os dados e entendendo as respostas podemos considerar que 46,7% dos participantes relataram ter vivenciado ou presenciado situações em deslocamentos turísticos.

Esses episódios vão desde atendimento diferenciado, perseguições e agressões verbais até acusações de furto e impedimento de acesso a determinados espaços. Tais situações ilustram como o turismo, embora associado à liberdade e ao lazer, também é atravessado por exclusões simbólicas e materiais.

Cabe destacar quem são os sujeitos que vivenciam essas práticas discriminatórias. O conceito de “negros”, adotado na pesquisa, inclui pretos e pardos, conforme a classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). De acordo com o censo de 2019, 55,8% da população brasileira se declara negra (IBGE, 2019). Apesar disso, observa-se que esse grupo ainda é pouco representado entre os turistas, o que revela um abismo social: embora majoritários em termos demográficos, os negros permanecem minorizados em termos de acesso e visibilidade no setor turístico.

Como argumento Kilomba (2019) diz, o racismo se manifesta também pela definição de quais corpos “pertencem” a determinados espaços. No turismo, o corpo negro é frequentemente visto como “fora do lugar”, associado à subalternidade ou ao serviço, e raramente ao lazer ou a diversão. Essa percepção é reforçada por representações midiáticas que projetam o turista ideal como branco, de classe média e cosmopolita, reforçando estereótipos de status e distinção racial. A ausência de pessoas negras nas campanhas publicitárias, nas imagens de destinos e nos cargos de destaque do setor contribui para manter o turismo como um espaço simbolicamente branco.

Além disso, muitas práticas turísticas utilizam a estética afro-brasileira como atrativo, ao mesmo tempo em que invisibilizam as comunidades que dão origem a essas expressões culturais. A cultura negra é convertida em mercadoria, um “produto exótico” para consumo, sem que haja retorno social ou econômico para os sujeitos e territórios que produzem (HOOKS, 1992). Desse modo, o corpo negro turismo é constantemente tensionado entre hipervisibilidade, como objeto de consumo e folclorização, e a invisibilidade, como sujeito social e político.

Nesse contexto, iniciativas de afroturismo e turismo de base comunitária emergem como formas de resistência e reapropriação. Elas propõem uma nova lógica de deslocamento, em que pessoas negras não são apenas observadas, mas se tornam narradores e protagonistas

de suas próprias histórias e territórios. O reconhecimento desses corpos no espaço turístico é, portanto, um ato político de enfrentamento ao racismo estrutural que ainda define quem pode, e quem não pode, ocupar o lugar de turista no Brasil.

Capítulo 2. Barreiras e Desafios para Pessoas Negras no Turismo

2.1 Racismo estrutural e suas implicações no turismo

O racismo estrutural é um conceito que descreve como o racismo está institucionalizado nas práticas, políticas e normas da sociedade, perpetuando desigualdades raciais mesmo sem a intenção explícita de discriminar. De acordo com Silvio Almeida (2018), ele não se restringe a atitudes individuais ou manifestações explícitas de preconceito, mas se expressa como uma lógica que organiza o funcionamento das instituições, das políticas públicas, das relações econômicas e dos sistemas simbólicos. É, portanto, um mecanismo que naturaliza a exclusão da população afrodescendente e legitima privilégios históricos de grupos brancos. Essa lógica impacta diretamente a participação de pessoas negras tanto como turistas quanto como profissionais do turismo.

A consolidação do turismo moderno está intimamente ligada à formação da sociedade brasileira e às suas bases coloniais. Como lembra Lélia Gonzalez (1988), o racismo no Brasil opera por meio de uma “democracia racial imaginária”, que oculta as hierarquias herdada da escravidão e do colonialismo. Essa lógica atravessa no turismo, um setor que historicamente se desenvolveu a partir da valorização, em detrimento da presença e da contribuição de pessoas de cor. Dessa forma, o setor reflete e reforça esse imaginário social de que corpos negros continuam sendo vistos como deslocados, fora do lugar ou como parte de um “cenário exótico” e não sujeitos que usufruem e produzem esses espaços.

Uma delas é a sub-representação de pessoas negras em cargos de liderança e visibilidade nas empresas do setor. Essa sub-representação não deve ser compreendida apenas como uma consequência da desigualdade social, mas como uma expressão do racismo estrutural discutido por Almeida (2018). Ao mesmo tempo em que pessoas negras são maioria em funções operacionais, permanecem afastadas dos espaços de tomada de decisão, reproduzindo uma lógica histórica em que a presença negra é aceita como força de trabalho, mas não como autoridade ou liderança. Nesse sentido, o turismo reflete as mesmas hierarquias raciais observadas em outros setores da sociedade brasileira.

Além disso, a construção dos destinos turísticos no Brasil frequentemente ignora ou marginaliza a contribuição negra para a cultura local (GUINE NEGRO, 2021). Cidades com forte presença negra, como Salvador, Recife e Rio de Janeiro, exploram a imagem da cultura afro-brasileira como produto turístico, mas não valorizam os sujeitos e comunidades negras que a constroem. Iniciativas como *Salvador Capital do Afro*, representam avanços importantes, mas ainda são recentes e muitas vezes se limitam ao símbolo ou ao turismo promocional, sem garantir protagonismo econômico efetivo para as comunidades negras (MUNDO NEGRO, 2022; SECULT 2024). No caso de Salvador apesar do público alvo ser o público negro, o controle econômico e narrativo do turismo ainda recai em grande parte sobre atores externos ou dominantes, essa prática que alguns autores chamam de "folclorização" ou "turismo da estética sem política", reforça uma apropriação cultural sem reconhecimento histórico e social (MUNANGA, 2013).

Outro aspecto relevante é o controle do acesso simbólico e material aos espaços turísticos. Lugares tidos como "nobres", como resorts, praias de luxo, museus e restaurantes turísticos, são percebidos como brancos, caros e excludentes (OLIVEIRA, 2021; SILVA, 2022). Essa delimitação racial e de classe produz o que Almeida (2018) chama de “barreiras raciais de acesso”, onde a presença de pessoas negras nesses ambientes é vista como anômala ou indesejada. Bell Hooks (1992) e Grada Kilomba (2019) lembram que o simples fato de pessoas negras ocuparem esses espaços provoca olhares desconfortáveis, vigilância excessiva ou até abordagens discriminatórias.

Por fim, o racismo estrutural também influencia a formulação de políticas públicas. Embora haja programas de incentivo ao turismo comunitário e étnico, ainda são escassos os investimentos direcionados a empreendedores negros, quilombolas e terreiros que desejam desenvolver iniciativas turísticas (SANTOS; SÁ, 2020). Isso demonstra que, mesmo em um setor com enorme potencial econômico e cultural, as desigualdades raciais seguem sendo reproduzidas. Portanto, enfrentar o racismo estrutural no turismo exige políticas afirmativas, formação antirracista e o reconhecimento da população negra como protagonista e não apenas como atração folclórica.

Partindo dessa compreensão do racismo estrutural como eixo organizador da desigualdade no turismo, é possível perceber que sua manifestação não se limita às estruturas institucionais ou as dinâmicas do mercado de trabalho. Elas também se expressam de maneira concertada nas vivências de turistas e profissionais negros.

A discriminação ainda que sutil, reforça as fronteiras raciais dos espaços turísticos, relevando como a presença negra nesses ambientes é constantemente negociada, questionada

ou restringida. Assim, compreender as experiências de discriminação em destinos turísticos permite entender e aprofundar o debate.

2.2 Experiências de discriminação em destinos turísticos

Experiências de pessoas negras em destinos turísticos são marcadas por múltiplas formas de discriminação racial que interferem não apenas no aproveitamento do lazer, mas também no sentimento de pertencimento e dignidade (OLIVEIRA, 2021; SANTOS, 2020). Mesmo em ambientes voltados ao acolhimento e à hospitalidade, o racismo se manifesta de maneira direta ou sutil, por meio de olhares, abordagens, exclusões e estereótipos (HOOKS, 2019). Essas vivências afetam o bem-estar dos turistas negros, reduzindo sua autonomia e prazer em circular por determinados espaços (SANTOS, 2020).

Segundo dados do Instituto Locomotiva (2021), 56% das pessoas negras afirmam já ter sofrido algum tipo de constrangimento ou tratamento diferenciado ao viajar, especialmente em hotéis, restaurantes e aeroportos. Esses episódios incluem desde desconfiança de furtos até a não prestação adequada de atendimento. O racismo recreativo (NOGUEIRA, 2003) também está presente em piadas, apelidos ou exotização da aparência e cultura negra, geralmente naturalizados como "brincadeiras" ou "elogios", mas que reforçam estigmas históricos.

Em muitos casos, a presença de pessoas negras em ambientes turísticos é vista como "inadequada", especialmente em espaços elitizados como resorts, cruzeiros e restaurantes de alto padrão (OLIVEIRA, 2022). Conforme apontam Barbosa e Gomes (2022), turistas negros frequentemente relatam sensação de desconforto ao serem os únicos negros em locais de lazer, o que desencadeia insegurança, hipervigilância e autocensura.

A percepção de inadequação atribuída aos corpos negros nesses espaços dialoga diretamente com as reflexões de Kilomba (2019) sobre o lugar social destinado à população negra. Enquanto a autora demonstra que determinados ambientes são simbolicamente construídos como espaços de pertencimento branco, bell hooks (1992) complementa essa discussão ao demonstrar como a branquitude opera como norma invisível, definindo quem é visto como legítimo ocupante desses locais. Assim, o desconforto relatado por turistas negros não decorre apenas de experiências individuais, mas da própria organização racial dos espaços turísticos.

Essa dinâmica está intrinsecamente ligada ao conceito de *branquitude*, entendido como o conjunto de privilégios simbólicos, econômicos e culturais associados a ser branco em uma sociedade racialmente hierarquizada (BENTO, 2002; SCHUCMAN, 2014). No turismo, a branquitude se manifesta como norma estética e comportamental: ela define o que é considerado belo, seguro e desejável, ao mesmo tempo em que produz a imagem do corpo negro como exótico, suspeito ou fora de lugar. Essa lógica reforça o sentimento de não pertencimento entre viajantes negros e naturaliza a ideia de que determinados espaços foram “feitos” para determinados corpos.

Além disso, turistas negros brasileiros e estrangeiros relatam discriminação em países latino-americanos e europeus, com episódios de racismo institucionalizado, como revistas excessivas em aeroportos, segregação em hotéis e práticas de exclusão em atrações culturais (OLIVEIRA, 2021). Segundo relatos coletados por Oliveira (2020), mulheres negras são especialmente vulneráveis à hiperssexualização em destinos turísticos, sendo tratadas como objetos exóticos e alvos de violência simbólica e sexual. Isso demonstra como o turismo, muitas vezes, reforça dinâmicas coloniais ao invés de superá-las.

A falta de preparo do setor turístico em lidar com a diversidade racial contribui para a perpetuação dessas violências (SANTOS; SÁ, 2020). Poucos guias, agentes de viagem ou profissionais de hospitalidade recebem formação sobre relações étnico-raciais ou protocolos antirracistas (OLIVEIRA, 2021). Como consequência, muitos casos de discriminação são ignorados ou tratados como “mal-entendidos”, sem responsabilização efetiva. Isso gera sentimento de impunidade e reforça o silenciamento das vítimas (KILOMBA, 2019).

Diante desse cenário, é preciso reconhecer que o racismo no turismo não é um problema individual, mas uma questão estrutural e institucional. A adoção de políticas antirracistas, como treinamentos obrigatórios, canais de denúncia, campanhas educativas e incentivo ao afroturismo, são caminhos para tornar o turismo mais inclusivo e respeitoso (OLIVEIRA, 2021; SANTOS; SÁ, 2020). Como afirma Kilomba (2019), “o racismo não é exceção, mas a norma e só pode ser enfrentado quando o reconhecemos como parte da estrutura”.

Essas experiências individuais de discriminação não são episódios isolados, mas expressam como o turismo é um espaço racializado e estruturado a partir da branquitude. Contudo, para além das vivências subjetivas e simbólicas, existem também barreiras materiais que dificultam o acesso de pessoas negras ao turismo. É nesse sentido que as desigualdades socioeconômicas se tornam um fator decisivo para compreender por que a presença de viajantes negros permanece limitada e invisibilizada.

Dessa forma, as experiências de discriminação por turistas negros não apenas revelam a persistência do racismo no setor, mas também denunciam a forma como o turismo continua a reproduzir imaginários coloniais e práticas excludentes. Ao demonstrar quem pode ocupar os espaços do lazer e sob quais condições, o turismo se torna um campo privilegiado para observar as contradições entre o ideal de mobilidade universal e as realidades concretas da desigualdade racial.

2.3 Questões Socioeconômicas e acesso ao turismo

Se as experiências de discriminação revelam as dimensões simbólicas e subjetivas do racismo no turismo, as desigualdades socioeconômicas demonstram suas bases materiais. O acesso ao turismo é profundamente impactado pelas desigualdades socioeconômicas que afetam a população negra no Brasil (IBGE, 2022; SILVA, 2022). Dados do IBGE (2022) mostram que pessoas negras (pretas e pardas) representaram mais de 56% da população brasileira, mas concentram os menores rendimentos, os maiores índices de informalidade e os piores indicadores sociais.

Essa realidade reflete diretamente em sua menor participação como turistas em viagens de lazer, especialmente em roteiros interestaduais ou internacionais. A desigualdade também aparece quando observamos os fatores que mais desestimulam a população brasileira a viajar. A tabela a seguir, baseada em Santos (2018), revela que a falta de recursos financeiros é o principal obstáculo ao turismo no país, seguida por fatores como violência e racismo.

O turismo, no Brasil, ainda é amplamente tratado como um privilégio, e não como um direito (CRUZ, 2018). A falta de recursos financeiros (63,5%) é o maior obstáculo, mas é preciso compreender que esse fator está diretamente relacionado às estruturas que limitam o acesso a pessoas negras ao lazer e à mobilidade. Embora o racismo apareça numericamente com 5,5% ele atravessa todos os outros fatores, especialmente o econômico, uma vez que a exclusão racial que traduz em menor renda, escolaridade e tempo livre (RIBEIRO, 2019; ALMEIDA, 2018)

Para grande parte da população negra, os custos de passagens, hospedagem, alimentação, transporte e ingressos tornam a prática inviável ou limitam-na a roteiros próximos e de baixo custo (SILVA; ARAÚJO, 2021). Conforme os autores, o lazer de muitos

jovens e famílias negras é restrito a espaços públicos gratuitos como praias, parques e praças onde, paradoxalmente, ainda enfrentam estigmatização e controle policial, como mostra o fenômeno dos “rolezinhos” em shoppings e praias do Sudeste.

Além disso, o turismo é condicionado por fatores como escolaridade, acesso à informação, domínio de idiomas estrangeiros e disponibilidade de tempo livre, elementos fortemente associados à exclusão racial (IBGE, 2022; SILVA; ARAÚJO, 2021). Pessoas negras, sobretudo mulheres e jovens periféricos, frequentemente ocupam posições de trabalho informal ou com baixa remuneração, sem férias remuneradas, o que reduz a capacidade de planejar ou realizar viagens (SILVA; ARAÚJO, 2021; RIBEIRO, 2019). Como afirma Ribeiro (2019), o tempo de lazer é um bem desigual no Brasil, e o racismo influencia até mesmo a possibilidade de descanso e deslocamento.

Outro aspecto considerado relevante é a escassez de políticas públicas que incentivem o acesso igualitário ao turismo (SANTOS; SÁ, 2020). Apesar de programas como o Cadastur, o Prodetur e iniciativas de turismo comunitário, ainda há pouca ênfase na inclusão racial como diretriz estratégica. O turismo educativo¹, por exemplo, poderia ser mais utilizado como ferramenta de formação e mobilidade para jovens negros das periferias, com subsídios, bolsas e intercâmbios culturais (SANTOS; SÁ, 2020; OLIVEIRA, 2021). No entanto, tais políticas são raras ou mal implementadas, o que perpetua a elitização do setor.

Por outro lado, o fortalecimento de redes de afroempreendedorismo no turismo — como agências de viagem negras, coletivos culturais, guias turísticos afrocentrados e hospedagens comunitárias — vem buscando romper essas barreiras. O afroturismo, nesse contexto, emerge como forma de inclusão e democratização do acesso, promovendo roteiros acessíveis, conexão com as raízes e geração de renda dentro das próprias comunidades negras. Plataformas como a Diaspora.Black² têm mostrado que é possível promover turismo com inclusão racial e justiça social.

Além das desigualdades econômicas, é preciso considerar que o acesso ao turismo não é o principal foco em todo território brasileiro. Pessoas negras residentes em regiões norte e nordeste enfrentam limitações adicionais, como menor oferta de infraestrutura turística, transporte mais caro e dificuldade de conexão entre cidades. Já nas regiões Sudeste e Sul, embora a oferta de serviços turísticos seja maior, persistem barreiras simbólicas, como

¹ Turismo pedagógico é uma modalidade de viagem cujo objetivo é complementar o aprendizado em sala de aula por meio de experiências práticas e vivenciais em locais de interesse cultural, histórico ou científico. Ao explorar novos ambientes, o turismo pedagógico busca ampliar o repertório dos estudantes, estimulando o crescimento intelectual e cultural e conectando a teoria à prática de forma dinâmica e enriquecedora.

² Link de acesso para a plataforma: <https://diaspora.black/>

estigmatização em hotéis e espaços de lazer, ilustrando como as desigualdades se manifestam de formas múltiplas e complementares (IBGE,2022; IPEA,2021)

Portanto, as questões socioeconômicas que dificultam o acesso das pessoas negras ao turismo não são meras consequências de pobreza individual, mas resultado de um sistema racializado que distribui desigualmente renda, oportunidades e direitos (RIBEIRO,2019). O combate a essas desigualdades exige a articulação de políticas afirmativas, financiamento público, incentivos ao turismo popular e fortalecimento das vozes negras no setor (SANTOS; SÁ, 2020; OLIVEIRA, 2021). Viajar, para pessoas negras, não deve ser um ato de resistência, mas um direito pleno de viver, conhecer e desfrutar.

Capítulo 3. Mulheres Negras no Turismo: Dupla Invisibilidade

3.1 Recorte de Gênero no turismo: Desafios de Mulheres Negras

Nos últimos anos, tem crescido o número de mulheres negras que viajam sozinhas ou em grupo, impulsionadas pelo desejo de autonomia, lazer e descoberta (MUNANGA, 2013; SANTOS, 2020). Esse movimento, que ganha cada vez mais visibilidade, reflete mudanças nos padrões de vida e nas possibilidades de mobilidade dessas mulheres, que têm vivido mais, tido menos filhos e alcançado maior independência financeira. A representação de mulheres negras como sujeitas do ato de viajar, no entanto, ainda é uma construção recente, marcada por rupturas com narrativas históricas que limitaram ou até mesmo negaram sua presença nesses espaços (OLIVEIRA, 2021).

Durante muito tempo, o deslocamento das mulheres, sobretudo negras, foi restringido por fatores socioeconômicos, culturais e simbólicos (MUNANGA, 2013). Essas restrições se manifestam até hoje, considerando que mulheres negras seguem sendo a base da pirâmide social, enfrentando os menores salários, as maiores taxas de desemprego e ocupações precarizadas (RIBEIRO, 2019). Esse contexto torna ainda mais potente e significativa a presença de mulheres negras no turismo, especialmente quando ocorre de forma autônoma (SANTOS, 2020).

Segundo Swain (2005; 2015), apenas a partir da década de 1990 pesquisadores e instituições passaram a demonstrar interesse no debate sobre gênero e turismo. Nos últimos anos, organismos internacionais como a Organização Mundial do Turismo (OMT) e a ONU Mulheres passaram a fomentar pesquisas sobre o tema, por meio da publicação do *Relatório Mundial sobre as Mulheres no Turismo*, lançado em 2010 e atualizado em 2019. Ainda assim,

o número de estudos que abordam com profundidade as vivências das mulheres negras enquanto turistas segue bastante limitado.

Santos e Sá (2020), por exemplo, discutem as intersecções entre racismo, sexismo e intolerância religiosa no setor turístico, com foco no turismo étnico-afro em Salvador (BA). A partir de uma revisão de literatura e da análise do cenário local, os autores apontam duas tendências. A primeira trata das dificuldades enfrentadas por mulheres que viajam sozinhas, que enfrentam desafios semelhantes aos vividos no cotidiano urbano, como insegurança, violência de gênero, assédio, objetificação e até o risco de feminicídio (SANTOS; SÁ, 2020; ALMEIDA, 2018). A segunda tendência diz respeito à forma como as mulheres são tratadas nos espaços de trabalho do setor turístico, sendo frequentemente subordinadas, estereotipadas e desvalorizadas em suas funções (SANTOS; SÁ, 2020; SWAIN, 2015).

Essas reflexões permitem identificar uma lacuna nos estudos sobre turismo no Brasil. Grande parte das pesquisas que tratam de mulheres e turismo ainda se concentram em temáticas como o turismo sexual ou na sexualização da imagem da mulher brasileira, o que contribui para a reprodução de estigmas e não contempla de forma adequada a diversidade de experiências, especialmente as de mulheres negras enquanto turistas. Ao considerarmos o contexto histórico e social do Brasil, torna-se claro o quanto as relações raciais ainda operam em lógicas de exclusão e apagamento, especialmente no que diz respeito às mulheres negras. Essas mulheres, que representam 28,7% da população brasileira segundo dados do IBGE (2019), enfrentam múltiplas camadas de invisibilidade não apenas enquanto turistas independentes, mas enquanto sujeitos sociais. São também as mais atingidas por violências em relacionamentos afetivos, preteridas em processos seletivos de emprego e frequentemente inseridas em subempregos (RIBEIRO, 2019; MUNANGA, 2013).

A presença majoritária de mulheres negras em atividades domésticas, por exemplo, é um reflexo dessa estrutura: 65% delas estão nesse tipo de ocupação, sendo que apenas 34% possuem carteira assinada, com rendimentos, em média, inferiores ao salário mínimo (IBGE, 2019). Além disso, elas representam 40,6% dos casos de mortes maternas no país (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020). Como bem pontua Lélia Gonzalez (apud Carneiro, 2011, p. 1), “a naturalização da inferiorização da mulher negra é um dos pilares da manutenção do racismo e do sexismo estruturais”.

No turismo, essa realidade se manifesta de forma perversa por meio da sexualização da figura da mulher negra, frequentemente retratada como a “mulata do carnaval” (OLIVEIRA, 2021). Essa imagem é amplamente explorada em roteiros turísticos e materiais publicitários, contribuindo para a perpetuação de um turismo sexual que ainda atrai muitos visitantes ao

Brasil. Além disso, a objetificação do corpo feminino em contextos festivos e turísticos reforça comportamentos invasivos e naturaliza práticas de violência de gênero, especialmente em ambientes marcados pela ideia de liberdade e permissividade, como o carnaval (SOUZA, 2025). Gabrielli (2006; 2011) observa que as viagens são motivadas por imaginários construídos culturalmente, e, no caso brasileiro, esse imaginário associa o país à alegria, à receptividade e à sensualidade, atributos comumente projetados sobre mulheres negras, sobretudo nas regiões Norte, Nordeste e em áreas como o Rio de Janeiro.

A mídia exerce papel central nesse processo, funcionando como grande fomentadora da exotização e da erotização do corpo negro feminino (OLIVEIRA, 2021). Ao mesmo tempo em que há escassa representação de mulheres negras em posições de destaque nos meios midiáticos, sua imagem é submetida à lógica da submissão no pensamento racial (GABRIELLI, 2006/2011). A ausência de representatividade e a reprodução de estereótipos fortalecem um padrão eurocêntrico de quem é visto como turista legítimo (SILVA; ARAÚJO, 2022). Isso resulta em um perfil turístico idealizado como branco, europeu ou norte-americano, enquanto pessoas negras, especialmente mulheres, são posicionadas como censuradas ou inexistentes no imaginário turístico (SILVA; ARAÚJO, 2022).

Como afirma Bell Hooks (1995, p. 469), "a mulher negra é vista como objeto de consumo sexual, raramente como sujeito de desejo ou de experiência". Nesse contexto, os corpos negros não são pensados para o lazer, para o descanso ou para o prazer de viajar, mas são tradicionalmente vinculados ao trabalho e ao serviço. No turismo brasileiro, a imagem do negro aparece de forma recorrente nos bastidores: ele é o que serve, o que limpa, o que anima, mas quase nunca o que usufrui (OLIVEIRA, 2021; SANTOS; SÁ, 2020; SILVA; ARAÚJO, 2022). Essa lógica colonial ainda presente precisa ser urgentemente questionada.

3.2 Relatos e experiências de mulheres viajantes

Olhando para a experiência de mulheres negras no turismo, o contexto em que se inserem é no de desigualdade estruturais que atravessam questões de gênero, raça e classe social. Como já discutimos em capítulos anteriores, o deslocamento de mulheres sempre esteve permeado a barreiras culturais e simbólicas, sendo que, no caso de mulheres negras, essa restrição se intensifica devido ao racismo espiritual e as desigualdades sócio econômicas (CARNEIRO, 2019; RIBEIRO, 2020). Viajar, portanto, ultrapassa o simples ato de lazer, configurando-se como uma prática marcada por disputas de poder, acessos diferenciados e pela necessidade constante de afirmação identitária.

Diante das questões discutidas e da necessidade de compreender como essas dinâmicas se materializam nas vivências cotidianas de mulheres negras, optou-se por realizar uma coleta de dados empírica, a fim de verificar, na prática, se as percepções destacadas pela literatura aparecem também nas experiências pessoais dessas mulheres. Para isso, foi elaborado um questionário online, direcionado exclusivamente a mulheres negras que já viajaram ou que possuem interesse em viajar, incluindo também aqueles que têm vínculo ou curiosidade em relação ao afroturismo.

O questionário, composto por perguntas objetiva e discursivas, investigou temas como: perfil socioeconômico, motivação para viajar, percepções de segurança, vivências de racismo, representatividade em materiais turísticos e relação com iniciativas de afroturismo. A coleta foi realizada entre dezembro de 2025 a julho de 2026 resultando em 46 respostas válidas que serviram de base para a análise apresentada neste capítulo.

A análise das respostas possibilitou observar que muitos apontados pela literatura, como insegurança, estereotipação, invisibilidade, falta de representatividade e barreiras socioeconômicas, também aparecem nas falas e experiências das mulheres participantes, liberdade e estratégias de afirmação identitária no ato de viajar. Nos tópicos seguintes, serão apresentados os principais resultados da coleta, organizadas a partir dos temas centrais do questionário e articulados com base teórica discutidas nos capítulos anteriores.

3.2.1 Perfil das Participantes

Como já citado, o questionário contou com 46 respostas válidas, todas provenientes de mulheres negras (pretas ou pardas), conforme o recorte definido para a pesquisa. As participantes apresentam idades entre 18 e mais de 60 anos, sendo predominante a faixa etária de 26 a 35 anos (32,6%), seguida pelas respondentes entre 18 e 25 anos (23,9%). Esses dados indicam uma maior participação de mulheres jovens adultas, grupo que geralmente se encontra em uma fase da vida marcada por maior autonomia e interesse em atividades relacionadas ao lazer e ao turismo, o que pode contribuir para uma participação mais ativa em experiências de viagem.

Idade:

46 respostas

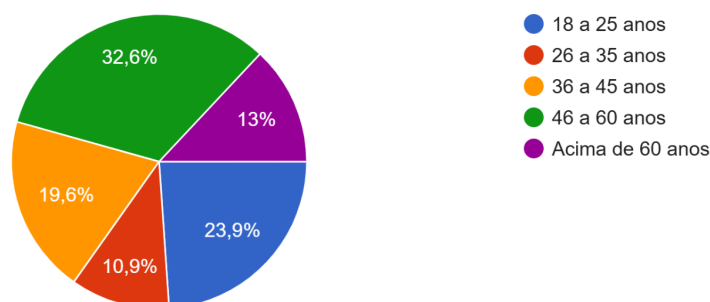


Figura 4 – Distribuição das participantes por faixa etária.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

As respostas são provenientes de diferentes regiões do país, incluindo estados como Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia e Rio Grande do Sul. Embora a distribuição não seja homogênea, a diversidade territorial demonstra que a experiência turística de mulheres negras não é um fenômeno restrito a uma localidade específica, mas atravessa múltiplos contextos regionais e culturais reforçando a pluralidade dessas vivências.

No que diz respeito à escolaridade, observa-se que a maioria possui ensino médio completo ou incompleto (43,5%)*, seguida de 28,3% com ensino superior e 21,7% com pós-graduação. Esses dados revelam que o acesso à educação desempenha papel significativo na relação com o turismo, uma vez que níveis mais elevados de escolarização podem favorecer tanto a autonomia financeira quanto o acesso à informação sobre destinos e práticas de viagem.

A diversidade também aparece nas ocupações mencionadas pelas participantes, entre as quais destacam profissões como professora, servidora pública, assistente social, técnica em turismo, artesã, além de estudantes, aposentadas e mulheres desempregadas com fontes de renda informais. Essa variedade desmistifica a ideia de que a mulher negra que viaja pertencente a um único estrato profissional, comprovando a multiplicidade das trajetórias ocupacionais dessas mulheres.

Escolaridade:

46 respostas

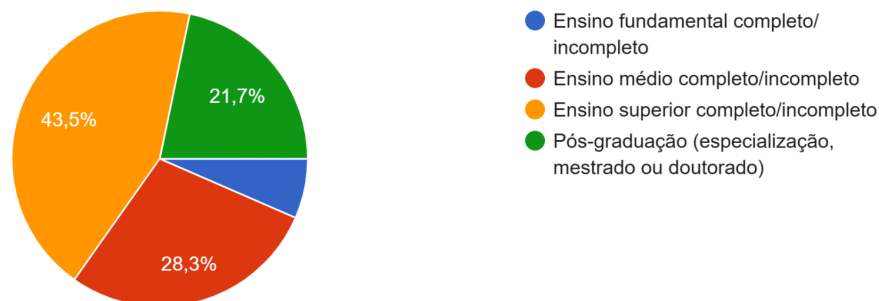


Figura 5 – Escolaridade das participantes da pesquisa.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

A renda mensal das respondentes representa um aspecto de destaque para compreender as condições de acesso ao turismo. Grande parte delas declarou receber entre 1 a 3 salários mínimos (41,3%) ou até 1 salário mínimo (23,9%), quanto apenas uma parcela reduzida possui renda acima de 3 salários mínimos. Isso confirma tendências apontadas pela literatura, sobre desigualdade racial e de gênero (RIBEIRO, 2019; MUNANGA, 2013), indicando que as limitações econômicas seguem sendo um dos principais fatores que impactam a capacidade de viajar, a frequência das viagens e a escolha dos destinos.

Faixa de renda mensal:

46 respostas

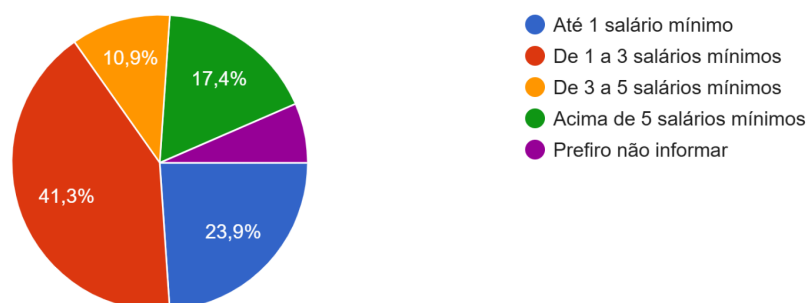


Figura 6 – Faixa de renda mensal das participantes.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Por fim, 97,8% das participantes se identificam como mulheres negras, validando o recorte racial imposto pelo estudo e assegurando a pertinência da amostra. O conjunto desses dados demonstra que mulheres negras que participaram da pesquisa possuem perfis diversos em termos de idade, escolaridade, renda e ocupação, mas compartilham um contexto estrutural semelhante que influencia diretamente, sua possibilidade de deslocamento, acesso ao lazer e experiência turística. Esses elementos fornecem uma base sólida para compreender as análises apresentadas nos tópicos seguintes, especialmente no que se refere às barreiras enfrentadas e às estratégias de pertencimento construídas por essas mulheres.

Você se identifica como mulher negra (preta ou parda)?

46 respostas

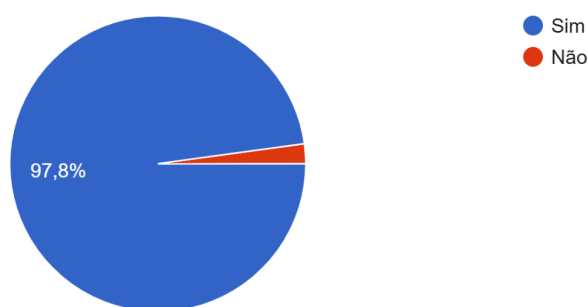


Figura 7 – Autodeclaração racial das participantes.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

3.2.2 Vivências de discriminação no contexto turístico

Com as respostas obtidas pelo questionário, é possível perceber que a discriminação racial e de gênero permanece como elemento recorrente nas experiências de mulheres negras no turismo, o que mais uma vez reforça o que a literatura aponta sobre a produção de desigualdades nesses espaços (SANTOS; SÁ, 2020; OLIVEIRA, 2021). Entre as participantes muitas relataram que já vivenciaram situações de desconforto, constrangimento ou violência simbólica enquanto viajavam, seja em aeroportos, hospedagens, restaurantes ou durante

atividades turísticas. Essas experiências variam desde olhares insistentes e atitudes de vigilância, tratamento diferente ou infantilização, questionando a presença em determinados espaços e associações diretas com estereótipos raciais.

Com frequência, essas mulheres relataram sentir-se observadas ou tratadas com desconfiança durante suas viagens, especialmente em espaços associados ao consumo de alto padrão e frequentados majoritariamente por pessoas brancas. Algumas participantes mencionaram questionamentos sobre reservas em hospedagens e abordagens que sugeriam suspeita quanto à sua presença nesses ambientes. Tais experiências podem ser compreendidas à luz do racismo estrutural, que produz mecanismos de vigilância e controle sobre corpos negros, frequentemente percebidos como deslocados em contextos historicamente associados ao privilégio e à branquitude (ALMEIDA, 2018; KILOMBA, 2019).

Diversas participantes também relataram episódios de assédio, objetificação e sexualização durante viagens, especialmente em regiões litorâneas ou festivas. Esses relatos dialogam diretamente com a construção histórica da figura da mulher negra enquanto corpo hipersexualizado, vinculada ao imaginário colonial e a imagem da “mulata”, frequentemente explorada em campanhas turísticas e materiais promocionais.

Eu não gosto muito, não sinto que inclui a gente nesse lado sabe?! Principalmente nessas propagandas de turismo, sempre tem mulher negra quando é viagem para o rio, São Paulo e Nordeste usando a imagem e o “tipo” de corpo dessas mulheres para chamar mais pessoas. Mas para outros lugares encontramos sempre uma família branca padrão.

Sinto incômodo ao ver a ausência ou a estereotipação de mulheres negras no turismo, pois isso reforça racismo e machismo. Elas são reduzidas a imagens como a “mulata do carnaval” ou a “baiana exótica”, o que apaga sua verdadeira identidade e diversidade. Além disso, a falta de representatividade em papéis de destaque mostra como ainda há desigualdade e necessidade de valorizá-las como sujeitos completos.

Quadro 1 – Percepções das participantes sobre a representação de mulheres negras no turismo.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Além de muitas vezes essa atividade deixar de ser apenas por puro lazer e descanso, o planejamento exige estratégias de autoproteção e preservação, como evitar deslocamentos sozinhas à noite, escolher hospedagens específicas, compartilhar localização com familiares e prefere destinos considerados mais seguros. Essas práticas não emergem somente de uma

preocupação geral com a segurança feminina, mas de uma consciência racial, já que várias relataram sentir que, por serem mulheres negras, enfrentam riscos adicionais de violência, discriminação ou invisibilidade de suas queixas. Assim o ato de viajar, deixa de ser prazeroso, frequentemente se torna atravessado pelo medo, pela tensão e necessidade de vigilância constante.

Um outro aspecto interessante recorrente nas respostas, foi a sensação de não pertencimento. Muitas das participantes mencionaram que determinados espaços não parecem pensados para elas ou que, em vários momentos, sentiram ser vistas como “fora do lugar”. Como a Silva e Araújo (2022) reforçam o argumento, que afirmam que o imaginário do turismo brasileiro ainda está profundamente marcado por uma lógica eurocêntrica que define quem é o viajante legítimo, relegando pessoas negras, especialmente mulheres, a posições de subalternidade ou invisibilidade.

Apesar de tudo, algumas das participantes destacam experiências positivas em viagens, especialmente em destinos que encontram acolhimento, representatividade ou contato com outras pessoas negras. Essas vivências, ainda que minoritárias diante dos relatos de discriminação, demonstram que o turismo também pode ser espaço de afirmação identitária, reconhecimento e construção de pertencimento, aspectos que serão aprofundados nos tópicos seguintes.

3.2.3 Segurança e autonomia das mulheres negras viajantes

É compreensível que das mulheres participantes do questionário, tenham preferência por seguir a linha de segurança junto com a autonomia no ato de viajar, revelando que essas dimensões não anulam, mas coexistem de forma complexa no cotidiano turístico dessas viajantes. Embora muitos participantes tenham indicado sentir algum nível de insegurança, especialmente em relação ao deslocamento sozinhas, a maioria afirma que viajar permanece sendo um espaço de liberdade, autocuidados e construção de independência.

Entre as respostas, um número significativo declarou já ter viajado sozinha pelo menos uma vez com alguma frequência, enquanto outras expressaram o desejo de realizar viagens individuais no futuro. Esses dados reforçam que, apesar de obstáculos sociais e econômicos, há uma busca ativa por autonomia, entendida como a possibilidade de planejar suas próprias rotas, escolher destinos de interesse pessoal e organizar suas experiências sem mediação de terceiros. Como pontua Angela Davis (1981), mulheres negras historicamente precisaram

lutar pela própria liberdade ,inclusive a liberdade de circular, mesmo quando essa liberdade parecia impossível dentro das estruturas sociais existentes.

A mulher negra, submetida historicamente a uma dupla lógica de confinamento — o confinamento racial e o confinamento de gênero — afirma sua autonomia quando rompe as fronteiras simbólicas e concretas que insistem em delimitá-la. Ao ocupar espaços públicos, culturais e de lazer, ela desafia estruturas que a querem restrita ao espaço doméstico, servil e inferiorizado. Seu movimento é uma transgressão, um rompimento com o destino subalternizado que lhe foi imposto. A cada deslocamento fora desse lugar, a mulher negra reivindica não apenas visibilidade, mas um novo sentido de pertencimento no mundo.”(CARNEIRO, 2003, p. 125).

Para muitas das participantes, viajar sozinha representa um marco em suas trajetórias, associado a amadurecimento, realização pessoal e fortalecimento emocional. A interpretação dessas experiências encontra eco na análise de bell hooks (1990), que afirma que mover-se para além das fronteiras impostas constitui um ato de reivindicação do próprio eu. Assim, a autonomia no turismo surge como gesto que ultrapassa a dimensão do lazer, funcionando também como afirmação identitária e exercício de presença em espaços que, por muito tempo, não foram pensados para incluir mulheres negras como sujeitas viajantes.

3.3 - Representatividade, Pertencimento e Síntese Crítica dos Resultados

A análise integrada dos dados do questionário e das discussões teóricas apresentadas ao longo deste capítulo, demonstra que as experiências de mulheres negras no turismo são atravessadas por desigualdades estruturais que se atualizam tanto no planejamento quanto na vivência das viagens. Os resultados mostraram que, embora o desejo de viajar e a busca por autonomia seja fortemente presente entre as participantes, essa vivência continua entrelaçada por fatores como renda, segurança, representatividade e acesso a espaços acolhedores. Assim, as experiências turísticas dessas mulheres não podem ser entendidas apenas como práticas individuais de lazer, mas como percursos marcados por estruturas sociais que definem possibilidades e limites.

Os dados mostram que muitas das participantes tem a frequências de viajar sozinhas ou tem o interesse em realizar essas viagens individuais, revelando autonomia e desejo em ter certa liberdade. Mesmo relatando as inseguranças, principalmente pelo deslocamento em cidades desconhecidas ou ao risco de violência, essas mulheres insistem em significar a viagem como espaço de liberdade, cuidado e fortalecimento emocional. Essa dinâmica confirma o que Collins (2020) discute sobre a agência de mulheres negras: trata-se de uma autonomia constantemente tensionada pelas estruturas de opressão, mas ainda assim afirmada como prática de formação individual e coletiva.

Outro aspecto central é a consciência racial que orienta escolhas de destinos, hospedagens e roteiros. Muitas participantes relatam que se sentem mais seguras e acolhidas em espaços onde a presença negra, valorização da cultura afro-brasileira ou narrativas que rompem com estereótipos coloniais. Essa busca revela que o turismo não é apenas um deslocamento geográfico, mas também simbólico, para essas mulheres, se encontrar no espaço é ser legitimada. A ausência de representatividade, seja em materiais publicitários, na composição do público turista ou nas equipes de trabalho, aparece como elemento que pode gerar desconforto, sensação de não pertencimento e até evitar a escolha de determinados destinos.

A síntese dos resultados também ilustra que as barreiras econômicas permanecem sendo um fator determinante, mas não único. Mesmo entre mulheres com renda mais baixa, há um esforço expressivo para planejar viagens, economizar e organizar itinerários, isso demonstra que o **fato** de viajar é percebido como investimento subjetivo e não apenas como gasto. Entretanto, é preciso reconhecer que essas condições socioeconômicas, somadas ao racismo, sexismo estrutural, restringem a frequência das viagens e a diversidade de experiências possíveis.

Por fim, os dados reforçam a relevância do afroturismo como prática capaz de promover pertencimento, visibilidade e acolhimento. Ao valorizar a ancestralidade e construir narrativas centradas na experiência negra, essas iniciativas se apresentam como alternativas concretas para combater o apagamento e ampliar o acesso ao turismo de forma mais justa e representativa. O que se observa é que para mulheres negras viajar não é apenas deslocar-se é reivindicar o espaço, construir memória, ampliar horizonte afirmar sua presença em territórios historicamente negados.

Os resultados sugerem que o turismo, quando observado a partir da perspectiva de mulheres negras, revela tensões estruturais, disputas simbólicas e práticas de resistência, ao mesmo tempo em que revela desigualdades persistentes, também revela movimentos potentes

de resistência e reconstrução de pertencimento. Esses resultados reforçam a necessidade de compreender o turismo não apenas como atividade econômica, mas como campo de disputa social, política e cultural, especialmente para grupos historicamente marginalizados.

Capítulo 4. Afroturismo: Uma resposta ao apagamento

4.1 O que é o Afroturismo?

O afroturismo é uma vertente do turismo étnico-cultural que tem como foco a valorização da história, cultura, identidade e ancestralidade negra (OLIVEIRA, 2021; SANTOS; SÁ, 2020; SILVA; ARAÚJO, 2022). Essa modalidade turística emerge como forma de resistência e enfrentamento ao apagamento histórico e simbólico sofrido por povos afrodescendentes, especialmente no Brasil. Segundo Santos (2018), o afroturismo vai além do turismo tradicional ao propor experiências pautadas na afrocentricidade, ou seja, na centralidade do ponto de vista negro como eixo para leitura da realidade. Essa perspectiva permite que os sujeitos negros deixem de ser meros objetos de observação para se tornarem narradores de suas próprias histórias.

A origem conceitual do afroturismo está conectada à noção de afrocentricidade, proposta por Molefi Kete Asante (1987), que defende a centralização da experiência africana como critério para análise e produção de conhecimento. Ao aplicar essa teoria ao turismo, propõe-se um modelo em que as comunidades negras conduzem os roteiros e vivências com base em suas memórias, espiritualidades, símbolos e formas de organização social. Isso representa uma ruptura com o turismo eurocêntrico e excludente, que historicamente inviabiliza a contribuição negra para a formação da sociedade brasileira.

No Brasil, o afroturismo ganha forma especialmente a partir da década de 2010, com o crescimento de movimentos sociais, coletivos de juventude negra e afro empreendedores que começam a criar roteiros, eventos e vivências que celebram a herança africana (INSTITUTO LOCOMOTIVA, 2021; OLIVEIRA, 2021). A cidade de Salvador, por exemplo, foi pioneira na inclusão do “turismo étnico” como categoria oficial em planos municipais, o que inspirou diversas outras cidades a reconhecerem o valor econômico e simbólico desse segmento (SILVA & TRICÁRICO, 2020). Em São Paulo, projetos como “Guia Negro” e “Sampa

Negra” também popularizaram essa abordagem, aliando história urbana com protagonismo negro (OLIVEIRA, 2021).

Além de sua função turística, o afroturismo assume uma dimensão educativa e política. Segundo Bagnes & Oliveira (2022), ele é um meio eficaz de promover a educação antirracista ao oferecer aos visitantes (negros e não negros) uma vivência direta com narrativas que historicamente foram silenciadas. Visitar um quilombo, um terreiro de Candomblé ou um bairro negro tradicional não é apenas um ato de lazer: é uma experiência de reconhecimento, pertencimento e crítica social (SANTOS; SÁ, 2020; OLIVEIRA, 2021). Por isso, o afroturismo está intimamente ligado à luta por direitos, à preservação da memória e à afirmação de identidade.

Outro ponto é a relação entre afroturismo e desenvolvimento sustentável. A maioria das experiências de afroturismo são realizadas por meio de turismo de base comunitária, no qual as comunidades são protagonistas e beneficiárias diretas dos resultados econômicos (SANTOS; SÁ, 2020; BAGNES; OLIVEIRA, 2022). Isso fortalece o afroempreendedorismo, contribui para a circulação da renda dentro dos territórios e promove a autonomia financeira de grupos historicamente marginalizados. Segundo pesquisa da plataforma Diaspora.Black (2023), cerca de 85% das iniciativas cadastradas na área são conduzidas por mulheres negras, demonstrando o caráter inclusivo e transformador dessa prática.

Ainda, segundo Silva & Tricário (2020), o afroturismo pode ser dividido em três principais eixos: o territorial (que valoriza locais de resistência negra, como quilombos, terreiros e bairros históricos); o vivencial (com experiências em festas populares, rituais religiosos, oficinas e gastronomia); e o educacional, que articula visitas com debates, seminários e processos formativos sobre racismo, história e cultura africana. Essa multiplicidade torna o afroturismo uma ferramenta poderosa para promover transformações culturais e sociais.

Portanto, o afroturismo não se limita a ser uma alternativa econômica: ele é, sobretudo, uma ferramenta de valorização da negritude, de fortalecimento da autoestima negra e de combate ao racismo estrutural. Como afirma Kilomba (2019), o reconhecimento da história negra como parte essencial da história nacional é o primeiro passo para a construção de uma sociedade mais justa. Nesse sentido, o afroturismo contribui para a construção de uma nova narrativa: mais plural, mais verdadeira e mais representativa.

4.2 Iniciativas de turismo voltadas para a valorização da cultura negra

As iniciativas de afroturismo no Brasil vêm crescendo significativamente como forma de enfrentamento ao racismo estrutural e como estratégia de valorização da cultura negra. Esses projetos, liderados majoritariamente por pessoas negras, têm como objetivo central promover experiências turísticas que resgatem e celebrem a ancestralidade africana e afro-brasileira, ao mesmo tempo em que geram oportunidades de renda, educação e empoderamento. Segundo Tricárico (2021), essas ações representam uma forma concreta de afirmação identitária e contestação ao apagamento histórico, uma vez que buscam recontar a história sob a perspectiva dos próprios sujeitos negros.

Um exemplo emblemático é o projeto “Caminhada Salvador Negra”, na Bahia, que realiza roteiros guiados por locais históricos do centro da cidade como o Pelourinho, a Igreja do Rosário dos Pretos e os terreiros de Candomblé (SALVADOR CAPITAL AFRO, 2024).



Figura 8 – Experiência turística no Pelourinho, Salvador (BA).
Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).



Figura 9 – Centro Histórico de Salvador (BA).
Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).



Figura 10 – Centro Histórico de Salvador (BA).

Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).



Figura 11 – Centro Histórico de Salvador (BA).

Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

Esses espaços são apresentados não apenas como atrativos turísticos, mas como territórios de resistência e expressão cultural. De forma semelhante, o roteiro da “Pequena África”, no Rio de Janeiro, explora lugares como o Cais do Valongo – reconhecido pela UNESCO como Patrimônio da Humanidade –, a Pedra do Sal e a zona portuária, locais onde a presença negra é historicamente significativa (UNESCO, 2017; GUIA NEGRO, 2023). Nesses roteiros, o visitante é convidado a refletir sobre o legado da escravidão, o papel dos africanos e seus descendentes na construção do Brasil, e as práticas culturais que sobreviveram à opressão.



Figura 12 – Pedra do Sal, espaço de resistência e preservação da cultura afro-brasileira no Rio de Janeiro.

Fonte: Acervo digital do roteiro Pequena África. Acesso em: 21 jun. 2026.



Figura 13 – Sítio arqueológico do Cais do Valongo, reconhecido como Patrimônio Mundial pela UNESCO.

Fonte: UNESCO (2017).

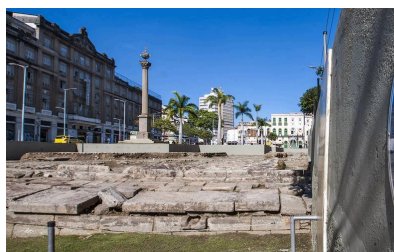


Figura 14 - Área arqueológica do Cais do Valongo, principal porto de entrada de africanos escravizados nas Américas.

Fonte: UNESCO (2017).

Figura 15 – Monumento em homenagem a Zumbi dos Palmares na região da Pequena África, Rio de Janeiro.

Fonte: Acervo digital do roteiro Pequena África. Acesso em: 21 jun. 2026.



Outro exemplo de destaque é a atuação da agência “Guia Negro”, em São Paulo, que desenvolve roteiros temáticos em centros urbanos como o bairro da Liberdade, o Centro Histórico e o Bixiga, relacionando-os com a presença negra na fundação da cidade e com personagens históricos como Luíza Mahin, Tereza de Benguela e Carolina Maria de Jesus (GUIA NEGRO, 2023). O diferencial dessas iniciativas está no protagonismo negro: são guias, historiadores, artistas e empreendedores negros que conduzem as visitas, imprimindo suas experiências e saberes na narrativa turística. Isso confere legitimidade, pertencimento e representatividade às atividades, conforme destaca Bagnes (2022), que identifica o afroturismo como uma prática decolonial e antirracista.

Figura 16 – Participantes de roteiro guiado na região da Pequena África, no Rio de Janeiro (RJ).

Fonte: Guia Negro (2023)

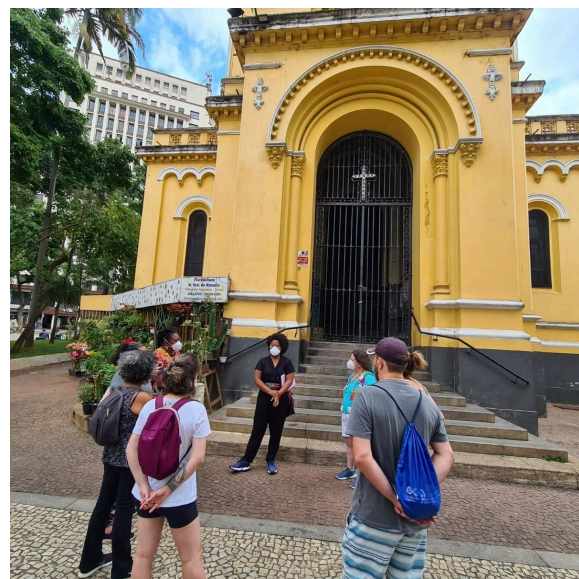


Figura 17– Atividade educativa realizada durante roteiro de valorização da memória afro-brasileira na Pequena África (RJ).

Fonte: Guia Negro (2023).

Além dos circuitos urbanos, comunidades quilombolas têm investido em experiências de turismo comunitário com forte identidade afro-brasileira. O Quilombo do Campinho da Independência (Paraty–RJ) é um exemplo consolidado, com infraestrutura própria, pousadas, restaurantes de culinária afro, grupos de jongo e oficinas culturais (ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO QUILOMBO DO CAMPINHO, 2023). A iniciativa é gerida de forma coletiva pela comunidade, e se baseia em princípios da economia solidária e da valorização da cultura local. Experiências semelhantes ocorrem na Chapada dos Veadeiros (GO), onde comunidades como os Kalunga recebem turistas com atividades ligadas à natureza, saberes tradicionais, culinária quilombola e espiritualidade (SEBRAE, 2022).



Figura 18 – Atividade cultural e compartilhamento de saberes tradicionais realizada no Quilombo do Campinho da Independência, Paraty (RJ).

Fonte: Associação de Moradores do Quilombo do Campinho da Independência (AMOQC, 2025).

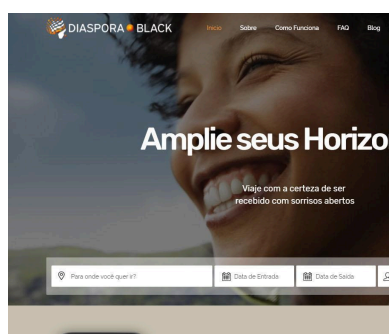


Figura 19 – Entrada do Quilombo do Campinho da Independência, referência de turismo de base comunitária em Paraty (RJ).

Fonte: Associação de Moradores do Quilombo do Campinho da Independência (AMOQC, 2025)

As plataformas digitais também têm contribuído para a difusão e fortalecimento do afroturismo. A Diaspora.Black, por exemplo, é uma startup criada por jovens negros que funciona como uma plataforma de hospedagens, roteiros e experiências culturais afrocentradas, conectando viajantes e empreendedores. Além de oferecer serviços, a plataforma atua na formação de guias turísticos, na produção de conteúdo educativo e no mapeamento de experiências em diversos estados do Brasil. Em 2022, a Diaspora.Black participou do programa de aceleração do Google for Startups, o que demonstra o reconhecimento e a importância desse tipo de iniciativa no cenário empreendedor.

**Figura 20 –
Página
inicial da
plataforma**



Diaspora.Black, voltada à promoção de experiências turísticas e culturais afrocentradas.

Fonte: Diaspora.Black (2025).

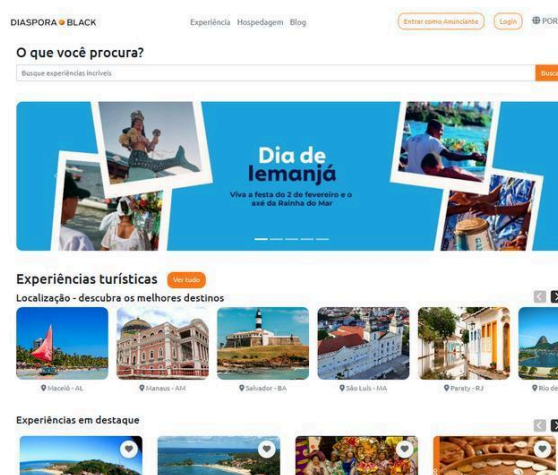


Figura 21 – Interface da plataforma Diaspora.Black apresentando roteiros e experiências ligadas ao afroturismo.

Fonte: Diaspora.Black (2025).

As celebrações afro-brasileiras desempenham papel fundamental no fortalecimento do afroturismo, pois articulam memória, religiosidade, identidade e patrimônio cultural. Eventos como a Lavagem do Bonfim e a Festa de Iemanjá, em Salvador, a Festa do Reinado, em Ouro Preto, a Festa de Olojá e a Festa de São Jorge atraem visitantes de diferentes regiões do país, promovendo o intercâmbio cultural e contribuindo para a dinamização da economia local. Além de seu potencial turístico, essas manifestações reforçam o reconhecimento das contribuições africanas e afro-brasileiras para a formação da cultura nacional, fortalecendo

vínculos de pertencimento e valorização da ancestralidade negra. As Figuras 22 e 23 apresentam exemplos dessas celebrações, ilustrando a diversidade e a relevância dos eventos culturais afro-brasileiros para o desenvolvimento do afroturismo (DIASPORA.BLACK, 2025).



Figura 22 e 23 – Celebrações afro-brasileiras promovidas em diferentes regiões do Brasil, destacando festividades como a Lavagem do Bonfim, a Festa de Iemanjá, a Festa do Reinado, a Festa de Olojá e a Festa de São Jorge.
Fonte: Diaspora.Black (2025).

Além disso, programas públicos como o “Rotas Negras”, promovido pelo Ministério do Turismo em parceria com entidades do movimento negro, têm como objetivo mapear e estruturar roteiros turísticos afrocentrados em todo o Brasil (BRASIL, 2024). A proposta inclui ações de formação, incentivo ao empreendedorismo negro e parcerias com governos locais para viabilizar infraestrutura turística. Essas ações apontam para o reconhecimento

institucional do afroturismo como segmento estratégico para o desenvolvimento sustentável e inclusivo.

Portanto, as iniciativas de afroturismo no Brasil vêm se consolidando como práticas que aliam turismo, memória, identidade, protagonismo e transformação social (SANTOS; SÁ, 2020; OLIVEIRA, 2021). O fortalecimento dessas ações depende, entretanto, de políticas públicas, financiamento, redes de apoio e do engajamento da sociedade civil na luta contra o racismo e em prol de um turismo mais justo e representativo.

4.3 Impactos Socioeconômicos

O afroturismo tem produzido efeitos nas dimensões social, econômica, educacional e simbólica, especialmente para populações negras e comunidades tradicionais. No campo econômico, destaca-se como um impulsionador do afroempreendedorismo e da economia criativa. Segundo dados levantados pela Diaspora.Black (2023), cerca de 85% dos empreendimentos afro turísticos são liderados por mulheres negras, e 78% deles são mantidos por microempreendedores individuais (MEIs). Apesar das limitações estruturais enfrentadas por esses agentes, os números revelam uma dinâmica de geração de renda e autonomia econômica dentro de territórios marcados pela exclusão histórica.

Além da geração de empregos e oportunidades, o afroturismo colabora com a economia local ao estimular o consumo de produtos e serviços oferecidos por empreendedores da própria comunidade (OLIVEIRA, 2022). Restaurantes com culinária afro-brasileira, ateliês de artesanato, casas de hospedagem geridas por famílias quilombolas e apresentações culturais são exemplos de atividades que fortalecem as cadeias produtivas locais. Como destaca Oliveira (2022), o turismo de base comunitária afrocentrada proporciona a circulação de renda dentro das comunidades, reduz a dependência de agentes externos e promove modelos mais sustentáveis de desenvolvimento territorial.

Socialmente, o afroturismo contribui para o fortalecimento da autoestima, da identidade racial e do sentimento de pertencimento. As vivências turísticas centradas em narrativas negras possibilitam que os sujeitos se reconheçam positivamente na história, desconstruindo estigmas racistas (KILOMBA, 2019; MUNANGA, 2005). Essa dimensão simbólica é necessária em um país como o Brasil, onde o racismo estrutural ainda marginaliza os saberes e as expressões culturais negras. Como afirmam Kilomba (2019) e Munanga (2005), a

revalorização da cultura negra é condição indispensável para a construção de uma sociedade plural e democrática.

No campo educacional, o afroturismo também atua como um instrumento de pedagogia crítica e antirracista. As visitas guiadas por quilombos, terreiros, monumentos e bairros históricos funcionam como aulas vivas, em que a história é ensinada a partir de outras epistemologias (BAGNES; OLIVEIRA, 2022; SANTOS; SÁ, 2020). Projetos como “Guia Negro” e “Afroturismo Sampa” têm, inclusive, desenvolvido atividades voltadas a escolas e universidades, promovendo roteiros didáticos com foco em lei 10.639/03, que obriga o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira no currículo escolar (GUIA NEGRO, 2023).

Além disso, o afroturismo promove impactos intergeracionais, permitindo que jovens de comunidades negras se envolvam com narrativas de ancestralidade e se tornem agentes culturais, guias turísticos ou empreendedores (SANTOS; SÁ, 2020). Ao mesmo tempo, cria oportunidades para idosos e mestres de saberes tradicionais, que passam a ter espaço para compartilhar suas vivências. Como resultado, observa-se o fortalecimento de laços comunitários, a valorização da memória coletiva e a transmissão de conhecimentos orais que muitas vezes não são registrados nos livros oficiais (KILOMBA, 2019; MUNANGA, 2005).

Ambientalmente, o afroturismo também gera benefícios, especialmente quando desenvolvido em áreas de preservação, como quilombos e comunidades tradicionais (SANTOS; SÁ, 2020). As práticas sustentáveis e o respeito ao território e à natureza são princípios centrais desses modelos. O exemplo do Quilombo do Campinho, com sua gestão agroecológica, uso de insumos naturais e valorização da biodiversidade, demonstra como turismo e preservação podem caminhar juntos, desde que orientados por valores comunitários (ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO QUILOMBO DO CAMPINHO, 2023).

Destaca-se que os impactos do afroturismo não se limitam às comunidades negras, mas reverberam para a sociedade como um todo (OLIVEIRA, 2021; SANTOS; SÁ, 2020). Ao promover a diversidade cultural, combater o racismo e oferecer experiências mais humanas e plurais, o afroturismo colabora para a formação de uma consciência crítica e engajada entre os viajantes. Trata-se, portanto, de uma prática transformadora, que alia lazer, história, justiça social e economia em um mesmo percurso.

Considerações Finais

O presente trabalho teve como objetivo compreender as experiências de mulheres negras no turismo, analisando de que forma questões relacionadas ao racismo, ao gênero e à representatividade influenciam suas vivências enquanto viajantes. Para isso, a pesquisa foi desenvolvida a partir de uma revisão bibliográfica sobre racismo estrutural, turismo, afroturismo e interseccionalidade, complementada pela aplicação de um questionário online direcionado a mulheres negras, que permitiu aproximar a discussão teórica das experiências relatadas pelas participantes.

Ao longo do estudo, foi possível observar que o turismo não se apresenta como uma experiência igual para todos os indivíduos. As discussões teóricas demonstraram que a população negra, especialmente as mulheres negras, historicamente foi excluída dos espaços de lazer e frequentemente representada por meio de estereótipos que reforçam desigualdades raciais e de gênero. Nesse sentido, o turismo revela-se também como um espaço atravessado por relações de poder, pertencimento e exclusão.

Os resultados obtidos por meio do questionário reforçam muitas das questões apontadas pela literatura. As participantes relataram experiências relacionadas à discriminação racial, sensação de não pertencimento, insegurança e falta de representatividade nos espaços turísticos. Além disso, os relatos demonstraram que muitas mulheres negras precisam desenvolver estratégias específicas de proteção e planejamento durante suas viagens, demonstrando que o ato de viajar, para esse grupo, muitas vezes ultrapassa a dimensão do lazer.

Por outro lado, a pesquisa também identificou que viajar pode representar uma ferramenta de autonomia, liberdade e fortalecimento identitário. Mesmo diante dos desafios

encontrados, diversas participantes associam suas experiências turísticas a sentimentos de independência, realização pessoal e ampliação de horizontes. Outro aspecto abordado foi a relevância da representatividade para a construção do sentimento de pertencimento. Os dados mostram que ambientes nos quais a presença negra é valorizada tendem a gerar maior acolhimento e identificação. Nesse contexto, o afroturismo surge como uma estratégia de enfrentamento ao apagamento histórico da população negra, promovendo experiências centradas na ancestralidade, na memória e no protagonismo negro.

As iniciativas de afroturismo analisadas ao longo do trabalho demonstram que essa modalidade vai além da atividade turística tradicional, funcionando também como instrumento de valorização cultural, fortalecimento identitário e geração de oportunidades econômicas para comunidades negras. Dessa forma, o afroturismo contribui para a construção de um turismo mais inclusivo, democrático e representativo.

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir de revisão bibliográfica e da aplicação de um questionário online com 46 mulheres negras. Embora os resultados obtidos sejam relevantes para compreender determinadas experiências e percepções, eles não têm a pretensão de representar a totalidade das mulheres negras brasileiras. Ainda assim, os dados coletados possibilitaram identificar tendências, desafios e estratégias de resistência que dialogam diretamente com os debates presentes na literatura.

Como limitação da pesquisa, destaca-se a utilização de um questionário online como principal instrumento de coleta de dados, o que restringe a participação a pessoas com acesso à internet e disponibilidade para responder ao formulário. Além disso, a amostra foi obtida por adesão voluntária, o que também limita a generalização dos resultados.

Espera-se que este trabalho contribua para ampliar as discussões sobre raça, gênero e turismo, incentivando novas pesquisas voltadas às experiências da população negra e ao fortalecimento de iniciativas de afroturismo. Mais do que uma atividade econômica, o turismo deve ser compreendido como um espaço de construção de memórias, identidades e pertencimentos. Assim, garantir que mulheres negras possam ocupar esses espaços de forma segura, acolhida e representada significa também avançar na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Entre o destino e o pertencimento, viajar representa não apenas um deslocamento geográfico, mas também um ato de resistência, afirmação e reivindicação do direito de existir e ocupar espaços historicamente negados à população negra.

Referências

ALMEIDA, Silvio. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Pólen, 2018.

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO QUILOMBO DO CAMPINHO DA INDEPENDÊNCIA (AMOQC). Quilombo do Campinho da Independência. Paraty, RJ, 2023. Disponível em: <https://quilombocampinho.org.br>. Acesso em: 21 jun. 2026.

ASANTE, Molefi Kete. *The Afrocentric Idea*. Philadelphia: Temple University Press, 1987

BAGNES, Luciana; OLIVEIRA, Natália Araújo. *Afroturismo: experiências culturais e turismo educativo no Brasil*. 2022.

CARNEIRO, Maria Helena (org.). *Lélia Gonzalez: textos escolhidos*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011.

CARNEIRO, Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. In: _____. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2005.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. Desenvolvimento desigual e turismo no Brasil. *Confins – Revue franco-brésilienne de géographie*, n. 36, 2018. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/13707>

DIASPORA.BLACK. Pesquisa sobre afroturismo e empreendedorismo negro no Brasil. São Paulo, 2023. Disponível em: <https://diaspora.black>. Acesso em: 21 jun. 2026.

DIASPORA.BLACK. Celebrações afro-brasileiras. Instagram, 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DTBhRcLEjja/>. Acesso em: 21 jun. 2026.

GABRIELLI, Cíntia. *Mulheres negras, turismo e representações: sexualidade e estereótipos no Brasil*. Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, 2011.

GOMES Barbosa, K., & de Souza, F. (2018). *A solidão das meninas negras: apagamento do racismo e negação de experiências nas representações de animações infantis*. *Revista Eco-Pós*, 21(3), 75–96. <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v21i3.20239>

GUIA NEGRO. Turismo afrocentrado e roteiros de valorização da cultura negra. Disponível em: <https://www.guianegro.com.br>. Acesso em: 21 jun. 2026.

HOOKS, Bell. *Black Looks: Race and Representation*. Boston: South End Press, 1992.

IBGE. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua 2019*. <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/17270-pnad-continua.html>

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico 2019*. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Síntese de Indicadores Sociais 2022*. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>

INSTITUTO LOCOMOTIVA. *Perfil do consumidor negro no Brasil 2021*. São Paulo: Instituto Locomotiva, 2021. Disponível em: <https://www.institutolocomotiva.com.br>

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LACERDA, N. F. Pensamento racista no Brasil pós abolição: breve reflexão sobre racismo estrutural. *Mosaico*, [S. l.], v. 13, n. 21, 2021. DOI: 10.12660/rm.v13n21.2021.83524. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/mosaico/article/view/83524>. Acesso em: 6 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Sistema de Informação sobre Mortalidade – SIM 2020*. Disponível em: <http://datasus.saude.gov.br/informacoes-de-saude/tabnet>

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade negra, racismo e desigualdade*. São Paulo: Selo Negro, 2013.

OLIVEIRA, Natália Araújo de. *Precisamos falar sobre racismo no turismo*. *Revista Iberoamericana de Turismo – RITUR*, v. 11, n. 2, p. 23-36, 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/357254902_Precisamos_falar_sobre_racismo_no_turismo.

OLIVEIRA, Natália Araújo. Representação e representatividade dos negros em uma revista de turismo de luxo do Brasil. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, v. 16, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.7784/rbtur.v16.2325>

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno Manual Antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Djamila. *O que é racismo estrutural*. 8. ed. São Paulo: Letramento, 2019.

SALVADOR CAPITAL AFRO. Caminhada Salvador Negra. Salvador, 2024. Disponível em: <https://salvadorcapitalafro.salvador.ba.gov.br>. Acesso em: 21 jun. 2026.

SANTOS, Renato Emerson dos; SÁ, Guilherme Ribeiro de. Turismo Étnico-Afro e Políticas Públicas: reflexões sobre cidadania e desigualdades raciais. *Caderno Virtual de Turismo*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 59-77, 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/1154/115462161004/html/>.

SANTOS, T.; SÁ, F. *Experiências de turistas negros no Brasil*. Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, v.16, 2020.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870–1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SEBRAE. Turismo de base comunitária e comunidades quilombolas da Chapada dos Veadeiros. Brasília: SEBRAE, 2022.

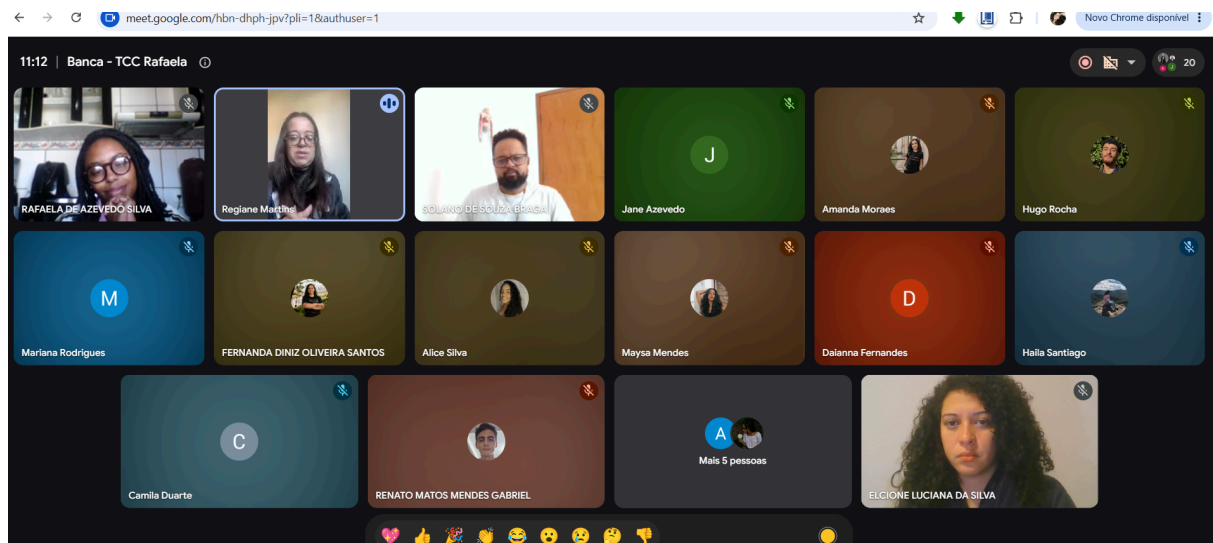
SILVA, J. P. ARAÚJO, Natália. *Turismo, desigualdade social e representações no Brasil*. Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/Tw5T3XBCTTKkMkr4ZbxNnmk/?lang=pt>

SWAIN, M. *Tourism and Social Exclusion*. London: Routledge, 2005; 2ª ed., 2015.

TRICÁRICO, L. *Turismo e diversidade cultural: análises recentes*. Rio de Janeiro: InterSaberes, 2021.

UNESCO. Cais do Valongo Archaeological Site. Paris: UNESCO, 2017. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/list/1548/>. Acesso em: 21 jun. 2026.

APÊNDICE:





Questionário: Mulheres Negras e Turismo – Experiências e Percepções



Olá!

Este questionário faz parte de uma pesquisa acadêmica vinculada ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Turismo, da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), desenvolvido por **Rafaela de Azevedo Silva**, sob orientação do professor **Solano Braga**.

O objetivo é compreender as **experiências e percepções de mulheres negras** em relação ao turismo — seja enquanto viajantes ou enquanto mulheres que desejam viajar —, refletindo sobre questões de **representatividade, autonomia, racismo e pertencimento**.

Sua participação é **voluntária, anônima** e as respostas serão utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos.

O tempo estimado de resposta é de cerca de **5 minutos**.

Obrigada pela sua colaboração! ❤️

Sem título

Descrição (opcional)

Idade:

- ☐ 18 a 25 anos
- ☐ 26 a 35 anos
- ☐ 36 a 45 anos
- ☐ 46 a 60 anos
- ☐ Acima de 60 anos

Cidade/Estado onde reside:

Texto de resposta curta

.....

Escolaridade:

- ☐ Ensino fundamental completo/incompleto
- ☐ Ensino médio completo/incompleto
- ☐ Ensino superior completo/incompleto
- ☐ Pós-graduação (especialização, mestrado ou doutorado)

Ocupação atual:

Texto de resposta longa

.....

Faixa de renda mensal:

- ☐ Até 1 salário mínimo
- ☐ De 1 a 3 salários mínimos
- ☐ De 3 a 5 salários mínimos
- ☐ Acima de 5 salários mínimos
- ☐ Prefiro não informar

Você se identifica como mulher negra (preta ou parda)?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Após a seção 1 Ir para a seção 2 (Relação com o turismo) ▼

Seção 2 de 4

Relação com o turismo



Descrição (opcional)

Você já realizou viagens de lazer?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não, mas tenho vontade

Relação com o turismo



Descrição (opcional)

Você já realizou viagens de lazer?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não, mas tenho vontade

Com que frequência costuma viajar?

- ☐ Nunca viajei
- ☐ Uma vez por ano
- ☐ De duas a três vezes por ano
- ☐ Mais de três vezes por ano

Quando viaja, normalmente o faz:

- ☐ Sozinha
- ☐ Com amigas
- ☐ Com familiares
- ☐ Com parceiro(a)

Qual é a sua principal motivação para viajar?

Texto de resposta curta

O turismo ou alguma viagem representa para você, uma **forma de autonomia e liberdade pessoal**?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Parcialmente

Quais são os principais **fatores que dificultam** suas viagens?

- ☐ Questões financeiras
- ☐ Falta de tempo
- ☐ Falta de companhia
- ☐ Medo ou insegurança
- ☐ Falta de representatividade
- ☐ Outro:

Experiências e percepções



Descrição (opcional)

Durante viagens (ou ao planejar uma), você já **vivenciou ou presenciou alguma situação de racismo, preconceito ou assédio**?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Prefiro não responder

Se sim, pode descrever brevemente a situação

Texto de resposta longa

Você sente que o **tratamento recebido** em hotéis, restaurantes ou atrações turísticas muda por ser uma mulher negra?

- ☐ Sim
- ☐ Às vezes
- ☐ Não
- ☐ Nunca percebi

Você se sente **segura viajando sozinha**?

- ☐ Sim
- ☐ Em parte
- ☐ Não

Já deixou de visitar algum destino por **temer discriminação ou violência**?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Em relação às **propagandas e materiais turísticos**, você se sente representada como mulher negra?

- ☐ Sim
- ☐ Parcialmente
- ☐ Não

Como você se sente ao observar a **ausência ou a estereotipação** de mulheres negras no turismo (ex: "mulata do carnaval", "baiana exótica", etc.)?

Texto de resposta longa

.....

Seção 4 de 4

Afroturismo e pertencimento



Descrição (opcional)

Você conhece ou já participou de alguma **iniciativa de afroturismo** (roteiros afrocentrados, quilombos, religiões de matriz africana, etc.)?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Você considera importante **fortalecer o afroturismo** como forma de valorização da cultura negra?

- ☐ Sim
- ☐ Parcialmente
- ☐ Não sei Avaliar

Para você, o que significa **viajar sendo uma mulher negra**? *(resposta longa)*

Texto de resposta longa